

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação – Trabalho 1160

A CULTURA DO *FITNESS* NOS *MEMES*: UMA PERFORMANCE DE GÊNERO – ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Caterine de Moura Brachtvogel – UNIJUÍ

Resumo

Esta pesquisa buscou compreender como os *memes* relacionados à cultura do *fitness* posicionam os corpos de mulheres nas redes sociais digitais. Perguntando como a cultura do *fitness* constrói “verdades”, negociando posições de sujeito, no caso as mulheres. Os *memes* da pesquisa foram retirados das redes sociais digitais *Facebook* e *Instagram*, selecionados no período de um ano, do mês de setembro de 2015 a setembro de 2016. Dos enunciados discursivos dos *memes* localizamos que os elementos da cultura do *fitness*, como “efeitos de verdades” posicionam numa determinada performance de gênero, resignificando as posições de mulheres, entre a tradição e a inovação – princesa ativa.

Palavras-Chave: posição de sujeito; mulheres; redes sociais digitais.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As mudanças culturais, econômicas, tecnológicas e do cotidiano na modernidade líquida¹ (BAUMAN, 2001) têm deslocado os pontos de referências e os parâmetros sobre o que é ser mulher, descentralizando e modificando posições socioculturais. Essa descentralização produz um movimento temporal e descontínuo da e na história, que transforma e reconstrói um conjunto de posições de sujeito atribuído às mulheres na modernidade líquida.

Assim, tomamos as posições de sujeito e a produção de corpos como efeitos de sentido dado pelos discursos num processo constante (LACHI, 2010). As mídias em geral, e nelas as redes sociais digitais e suas produções culturais, surgem – na modernidade líquida (BAUMAN, 2001) – como instituições que representam e transformam as formas de relações sociais, educacionais, políticas, econômicas. A rede social digital passa a atuar como “[...] mediadora de experiências para os sujeitos, uma

¹Utilizo o conceito de modernidade líquida, criado pelo pensador Zygmunt Bauman (2001), para designar a pós-modernidade e suas características.

reprodutora simbólica que permite que os saberes se dispersem no tempo e no espaço e estejam disponíveis e acessíveis para uma gama de sujeitos em diferentes situações e condições” (LACHI, 2010, p. 15).

Entre essas experiências e saberes que circulam nas redes figura um certo saber sobre os corpos. Falando dos corpos, fala-se dos sujeitos, e é nesse enfoque que este artigo foi construído: discursos sobre os corpos *fitness*² de mulheres, que são discursos sobre as mulheres e suas posições de sujeito. Entendemos que se faz importante observar as relações de saber e poder que atuam nos discursos da cultura do *fitness*, e como isso atua para possibilitar a formação de posições de sujeito das mulheres³ na modernidade líquida (LACHI, 2010).

Entendemos que é a partir dos discursos científicos, da Medicina, da Educação Física, da Nutrição, da Estética que esses enunciados sobre o *fitness* tornam-se relevantes. Na medida em que as mídias assumem, na modernidade líquida, uma posição central de disseminação dos discursos científicos, na qual a sua valorização é via “[...] o grande espaço público, gerindo ao mesmo tempo pelo individual e pelo massivo e pautado por um tipo de valor que se torna dominante [...]” (FISCHER, 1996, p. 13) é que estes discursos se associam aos enunciados discursivos sobre o *fitness*, possibilitando, assim, a educação na constituição de corpos *fitness* de mulheres (SCHWENGBER, 2006, p. 15).

Apoiamo-nos na abordagem de Michel Foucault ao realizarmos uma análise de discurso relacionada aos estudos de gênero, para compreensão e análise dos *memes*, numa relação em que elas se apresentam desiguais para mulheres e homens, mostrando que essas marcas, relações, condições e posições que os corpos *fitness* de mulheres assumem estão intimamente ligadas à cultura contemporânea em que vivemos (FISCHER, 1996).

² O conceito de *fitness* tem origem inglesa e significa "estar em boa forma física". Este termo normalmente é associado à prática de atividades físicas e se refere ao bom condicionamento físico e ainda ao bem-estar físico e mental (para esse último termo utiliza-se também a palavra *wellness*). A palavra é formada a partir da junção de "fit" (um dos significados é "boa forma") e "ness", um sufixo que transforma adjetivos em substantivos, designando um estado, uma condição. *Fitness* significa, portanto, a resistência ou condição do corpo para funcionar com eficiência. Assim, o conceito de *fitness* está atrelado a uma ideia de movimento contínuo dos corpos para que estes entrem em um estado de aptidão.

³ Opto por empregar o termo mulheres no plural, pois destaco que a mulher é um sujeito plural e não singular, podendo assumir diversas posições.

A análise do discurso fundamentada nas obras de Foucault funciona aqui como uma caixa de ferramentas (LACHI, 2010). No intuito de pensar e ver o que há de “mais” em discursos e enunciados sobre os corpos *fitness* de mulheres que se apresentam nas redes sociais digitais. Foucault (2008) com a análise do discurso busca ver a “coisa e o já-dito” no âmbito de existência dos discursos (FISCHER, 1996), ver no campo de existência das “coisas ditas”, aquilo que está sendo mostrado e representado nos discursos.

Nesse sentido, Foucault afirma que a cada nova fala – as coisas ditas – o discurso ganha uma remodelação e uma nova urgência. O enunciado apresenta-se com uma nova emergência. A formação discursiva representa certo número de enunciados na qual “[...] se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações)[...]” (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Nessa perspectiva, questionamos: De que maneira os *memes* relacionados à cultura do *fitness* apresentam os corpos de mulheres? Para respondermos essa questão, tomamos como objeto de análise discursiva *memes fitness*, de ampla circulação nas redes sociais digitais *Facebook* e *Instagram*, selecionados no período de um ano, do mês de setembro de 2015 a setembro de 2016. Buscamos nesse movimento, compreender como esses *memes* relacionados à cultura do *fitness* apresentam os corpos de mulheres nas redes sociais digitais. E como essa cultura do *fitness* se constrói como novas “verdades”, negociando posições de sujeito.

Meme é uma expressão cunhada pelo biólogo darwinista Richard Dawkins, que o associou aos genes humanos, pois, assim como estes, os *memes* fariam uma “transmissão cultural, numa espécie de memória das pessoas, podendo ser associada à imitação” (CORREIA et al., 2009, p. 214). Toledo (2009) permite apensar os *memes* que ajudam a produzir padrões de comportamentos (2009, p. 142). O autor assinala que um sujeito pode aprender imitando certos padrões comportamentais, e esses têm a sua força na imitação e na propagação, por meio de ambientes virtuais ou concretos.

Dessa maneira, operamos com os enunciados dos *memes* inseridos numa formação discursiva da cultura do *fitness* para compreender a apresentação dos corpos *fitness* de mulheres nas redes sociais digitais e como se dá a constituição desses corpos *fitness*.

OS CORPOS *FITNESS* DE MULHERES: ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

É com base nos enunciados dos *memes* que podemos pensar as posições de sujeito, aqui de mulheres, sabendo que o sujeito pode assumir **diferentes posições de sujeito** numa série de enunciados, pois “[...] o enunciado pertence a um domínio de memória” (MILANEZ, LUZ, 2013, p. 3). Veja o *meme* a seguir com o enunciado **Esqueça o sapatinho de cristal, princesas usam tênis:**



Figura 1 - *Meme fitness* retirado da rede social digital *Instagram*

Esse enunciado posiciona um “corpo livre”, que depara (diante da escolha) um ciclo contínuo de “exercitação”, pois envolve a ideia de que as mulheres se mantêm na posição de sujeito como princesas, mesmo trocando o salto alto pelo tênis de corrida. Essa **posição de princesa** é o que me permite pensar as pontes entre o que o *fitness* e sua cultura buscam no confronto entre o que é tradicional e o que é inovador.

A tradição, conforme Miranda (2013) vem sofrendo transformações. Os elementos tradicionais passam a ter novas configurações e dinâmicas, e por consequência novas posições de sujeito. O enunciado **Esqueça o sapatinho de cristal, as princesas usam tênis** articula justamente essa “nova” concepção, pois a condição de ser princesa se altera conforme a situação em que é tratada. O discurso se torna outro, a cada vez que é contado, replicado.

O *meme* destaca seis princesas da Disney, na sequência, da esquerda para a direita: Princesa Jasmine (Aladdin), Princesa Bela (A Bela e a Fera), Princesa Ariel (A Pequena Sereia), Princesa Aurora (Bela Adormecida), Princesa Cinderela (Cinderela) e Princesa Branca de Neve (Branca de Neve). Todas, como se observa, estão vestidas de líderes de torcida, o que indica que, talvez, saibam dançar, saltar, coreografar. Mas algumas delas estão fazendo algo mais do que simplesmente ser líder de torcida. A

princesa Jasmine está se olhando no espelho; a princesa Bela está lendo um livro; a princesa Ariel e a Cinderela estão dançando; a princesa Aurora está bocejando, talvez indicando que está com sono; e a princesa Branca de Neve está passando um batom vermelho. É notável que, além da posição de princesas ativas, elas assumem outras posições, de sono, de leitura, de vaidade... Há diferentes posições de sujeito sendo produzida pelo enunciado, como ser princesa.

O enunciado da posição de uma princesa se articula com a cultura do *fitness*. **Esqueça o sapatinho de cristal, as princesas usam tênis** remete ao ato de performar, ao buscar uma posição de sujeito vinculado por meio do **treinamento corporal**. Conforme ensina Bauman (2001), vivemos em um mundo líquido, pronto para viver novas sensações, em trocas constantes de objetos valorativos – o sapatinho pelo tênis, o tênis por uma sandália, a sandália por um chinelinho – corpos que estão sempre se moldando e se reajustando às condições, **mas mantendo a posição da tradição de ser uma princesa**. Conforme afirma Souza (2003, p. 38):

[...] a questão do sujeito e dos jogos de verdade que o constituem pode ser dividido em duas etapas: na primeira, ele se ocupa de práticas coercitivas que produzem sujeitos [...]. O que se enfatiza aqui é a atenção sobre os modos de produção de sujeito através do poder individualizador. Na segunda etapa, o foco se desloca para as práticas ditas de auto-formação do sujeito, mediante instrumentos para que cada indivíduo elabore a si mesmo como sujeito. (SOUZA, 2003. p. 38).

E assim o cuidado de si, o cuidado para ser como princesa, exige elaborar-se, passa a ser visto como uma produção de um *éthos*, modo/jeito de ser **ativa**, pelas quais as mulheres podem se produzir (PHILIPSEN; REIS, 2012) nos leva ao encontro do que Bauman (2001) afirma de que a liberdade é dada, mas sempre condicionada e regulada por fatores externos ao sujeito. A cultura do *fitness* que apresenta as condições de ser ativa – o tênis – com certo ar de liberdade, mas ao mesmo tempo regula-se no imperativo de: **seja princesa ativa**, demarcando o que Foucault chama de entreter-se consigo mesmo, mas de uma determinada maneira.

Voltando ao **enunciado da princesa**, apresentam-se ações para se conduzir ao “ser princesa”, e que as ações dialogam entre a inovação (tênis) e a tradição (sapatinho, ser princesa). Há em cada momento histórico um processo específico de socialização, realizado por um conjunto de discursos que responde pela internalização, nos sujeitos sociais. Assim a tradição e a inovação anseiam num mesmo corpo a permanência e a transformação. As posições sociais das mulheres passam por um recurso da transição

entre o antigo e o novo, no caso entre o sapato, o tênis, na direção de manter a posição de “ser princesa”.

Sobre a questão de manter a posição de princesa, Xavier (2011) destaca que desde criança, há um certo posicionamento característico de príncipe e princesa, há diferenças significantes tanto nas narrativas quanto nos desenhos de meninos e meninas. Xavier (2011, p. 593-594) chama a atenção alerta para um tipo de princesa idealizado:

O que se observou de destoante nas produções dos meninos em relação às das meninas é que elas incorporaram em seus discursos as imagens e as características socialmente aceitas e ensinadas sobre as princesas dos contos de fadas clássicos. Já os meninos se ligaram a características diferentes das meninas, como princesas de cabelo curto, cabelo ruivo, cabelo desarrumado; princesa dentuça; princesa que usa bota, calça comprida e vestido na tonalidade azul [...] As meninas, por sua vez, falaram de inúmeras outras condutas desejáveis para a princesa, tais como asseio, doçura, discricção, delicadeza, inteligência, fofura, meiguice, amabilidade; e algumas competências, como gostar de cozinhar, ser prendada, ser divertida, gostar da cor rosa, não ser gulosa e ficar à espera do príncipe encantado. (XAVIER, 2011, p. 593-594).

O que Xavier (2011, p. 594) ajuda a pensar sobre as posições de sujeito e subjetividades das princesas, é que são condizentes geralmente “[...] com o que se espera das condutas femininas e masculinas ensinadas social e culturalmente. É interessante observar como essas adjetivações compõem as representações de gênero que demarcam uma feminilidade hegemônica”. É nesse sentido que operamos com o conceito de posição de sujeito, há toda uma significação sobre ser mulher que tem efeitos. As **princesas** que aqui no *meme* representam mulher da modernidade líquida, dotadas de corpos ativos, treinados, ajustados, mas se associam aos ideais e características de **ser princesa**, numa posição tradicional. Parece-nos que não importa a ação, o que importa é se manter na posição de princesa, e se para isso é necessário ter **um corpo *fitness* ativo**.

Nesse sentido o enunciado do *meme* **Esqueça o sapatinho de cristal, as princesas usam tênis** permite pensar o que chamamos de negociação de posições de sujeito. Assim as posições de sujeito se alteram, para “dar sentido” ao que está sendo feito, transformado, modificado. Apresentam-se assim as posições de sujeito, no caso de mulheres, como *metamorfoses*, que se constroem e reconstroem a cada novo discurso, novo enunciado, nova experiência, atrelando diversos sentidos e caminhos.

Os enunciados discursivos se apoiam em ações e práticas sociais, e suas intenções não são dividir e sim multiplicar. **Esqueça o sapatinho de cristal, as princesas usam tênis** põe em xeque ações, práticas sociais que sinalizam para a constituição de posição de sujeito ativo ligado à cultura do *fitness*. A tarefa na constituição de um corpo *fitness* “[...] é escolher o desvio menos arriscado na encruzilhada mais próxima e mudar de direção antes que a estrada à frente se torne intransitável [...] o funcionamento [...] seja reprojetoado” (BAUMAN, 2008, p. 187), ou seja, um corpo em metamorfose.

No enunciado, os dois elementos, **sapatinho e tênis**, se associam e se trocam, estão em metamorfose. Entende-se assim que mulheres transitam em posições, em estilos (sapato, tênis), ora princesa de salto, ora princesa de tênis. No caso, as mulheres são enunciadas ao pertencimento do vaivém de possibilidades. Nesses pertencimentos, ocorrer uma ampliação de visibilidades, reconhecimentos, pois há uma ampla circulação de posições de sujeito, via redes sociais digitais que produzem e fazem circular.

A constituição de uma posição de identitária se dá através de “[...] uma série de recursos reflexivos e de práticas de bioascese⁴ (manuais de auto-ajuda, terapias, *fitness*)” (ORTEGA, 2003, p. 64), o que aqui nos permitem pensar os *memes*, isso quando a reflexividade como uma taxação contínua de informação e controle sobre o próprio corpo, na qual a “[...] dieta e o *fitness* seriam dois exemplos básicos desse processo de reflexividade corporal [...]” (ORTEGA, 2003).

Compreendemos como articular, sob a ótica de uma **situação** reflexiva em que as mulheres são tensionadas para manterem uma **posição** de princesa **ativa**, como referido no enunciado do *meme*. **Esqueça o sapatinho de cristal, as princesas usam tênis** destaca que a condição de princesa se mantém independente da **situação** que a mulher se coloca. Mas isso também não quer dizer que qualquer **situação** sirva. Bem pelo contrário, são as condições normatizadas e inseridas na cultura do *fitness* que se apresentam e são utilizadas como parâmetros para estar na posição, ou seja, o que está em jogo não é buscar o posto de princesa, mas sim buscar manter-se sempre na posição

⁴ As práticas ascéticas implicam em processos de subjetivação. As modernas ascetes corporais, as bioascetes, reproduzem no foco subjetivo as regras da biossociabilidade, enfatizando-se os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades pessoais, das bioidentidades. Trata-se da formação de um sujeito que se autocontrola, autovigia e autogoverna. Uma característica fundamental dessa atividade é a autoperitagem. O eu que se pericia tem no corpo e no ato de se periciar a fonte básica de sua identidade (ORTEGA, 2003, p. 64).

de uma princesa. Xavier (2011) argumenta sobre as características de “ser tornar princesa”, ou como aqui chamamos, “ser/estar princesa”:

[...] na maioria das vezes, naturalizadas e consideradas normais e desejáveis para a vivência e conduta feminina. As características descritas das princesas dos contos de fadas clássicos remetem a corpos magros, esguios e ao cuidado com a vaidade. Outros elementos também aparecem para demarcar a feminilidade, entre eles (em alguns dos desenhos), a presença de flores e corações [...] As características desejáveis para as mulheres, destacadas nos textos – escritos e ilustrados – das crianças, mostram, na grande parte deles, um jeito único de ser feminino. Tais características apontam o que é ser feminino e, ao mesmo tempo, o que não é ser feminino, portanto masculino (XAVIER, 2011, p. 594-595).

A posição identitária sinaliza a constante preocupação em posicionar mediante um corpo “ajustado”, aqui os corpos *fitness* de mulheres. Na modernidade líquida, a sociedade reconhece os sujeitos a partir do que eles possuem ou que podem acessar, ter um corpo “ajustado” representa uma riqueza invejável, é “[...] preciso acreditar que o corpo que “se tem” é de fato totalmente possuído por seu proprietário, completamente disponível diante de suas vontades e seus sonhos” (SANT’ANNA, 2001). Sendo assim, as mulheres são posicionadas a se exercitarem, mas a manter **seu status**, sua **posição de princesa** diante da cultura do *fitness*.

Ao manter a **posição de princesa ativa**, as mulheres são convidadas a condução do treinamento corporal que constituem o que Bauman (2008) chama de *identificação*. **Esqueça o sapatinho de cristal, as princesas agora usam tênis de corrida** posiciona as mulheres a se identificarem com certo grupo, vinculadas pelas mesmas características. Poderia afirmar que é “[...] mais próximo da realidade do mundo globalizado falar de *identificação*, uma atividade que nunca termina, sempre incompleta, na qual todos nós, por necessidade ou escolha, estamos engajados” (BAUMAN, 2008, p. 193). Adentram-se aqui, assim as negociações das posições de sujeito.

Há em curso uma certa politização dos corpos *fitness* de mulheres que opera na lógica de agregar mais atividades, exercitações. E assim os *memes* mais do que simplesmente disseminar uma ideia, eles exemplificam em que o sujeito – no caso as mulheres – podem se tornar ativas. A vida ativa sinaliza para a questão da aparência corporal. Para Novaes e Vilhena (2003, p. 24):

No mundo das imagens contemporâneas existem muito mais mulheres do que homens. Nossa cultura exhibe a mulher permanentemente como forma de reforçar seus arquétipos [...] Acreditamos que o terrorismo contemporâneo com relação à beleza tem menos a ver com o grau de repetição das mensagens [...] o fato de afirmar-se, sem cessar, que *ela pode ser bela, se assim o quiser* [...] os fabricantes da beleza retomam o mote da possibilidade

de beleza, transformando-o não apenas em uma obrigação, mas sobretudo em uma “facilidade” – apenas uma questão de escolha e de vontade [...] (NOVAES, VILHENA, 2003, p. 24).

Nessa perspectiva, pensando agora nas diversas diferenças entre a **apresentação de corpos *fitness* de mulheres**, e sabendo que há diferenças entre corpos de mulheres e corpos de homens, pensamos: os corpos *fitness* de mulheres na ótica da performance de gênero.

AS PERFORMANCES DE GÊNERO: MULHERES ATIVAS, PREPARADAS, TREINADAS

Interessa-nos pensar como essa constituição de corpos *fitness* de mulheres, permeadas pelas “verdades” da cultura do *fitness*, se dá de maneira peculiar, diferentemente dos corpos de homens. Performance, que se configura como uma *performance de gênero*.

No *meme* que segue com o enunciado **Hoje é seu dia! Para começar de novo, para comer direito, para treinar duro, para ser saudável, para se orgulhar** posiciona as mulheres num movimento, num ato performativo, refeito, repensado, repetido. As mulheres **ativas** são as criadoras (elementos da cultura do *fitness*: comer, treinar, ser saudável), as criaturas (o ato de performar, o corpo em transformação) e as suas criações (o corpo *fitness*, “**para se orgulhar**”):

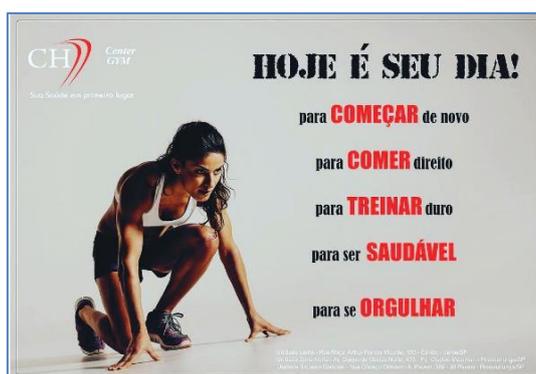


Figura 2 - *Meme fitness* retirado da rede social digital *Instagram*

Uma das características da performance é a possibilidade de o sujeito ser mobilizado. O corpo *fitness* de mulheres que se enuncia nesse *meme* é um corpo, treinado, preparado, moldado. A roupa *top*, *short* e tênis de corrida, mais a posição corporal são indicadores de que a mulher em questão irá realizar uma corrida (a posição

inicial referida na imagem é a posição de largada numa prova de corrida). Essa posição corporal também sinaliza para o recomeçar. **Hoje é seu dia! Para começar de novo, para comer direito, para treinar duro, para ser saudável, para se orgulhar** demarca uma mulher preparada para o recomeço, podendo fazer de todos os dias, “o seu dia” para moldar, preparar, treinar.

Essa forma de mobilizar por meio de uma performance corporal em que a posição de sujeito passa de espectador a sujeito atuante, há assim ampliação dos ideais da cultura do *fitness*. Dessa maneira, as verdades demarcam, potencializam e conduzem as estratégias de saberes e poderes da cultura do *fitness*. Eles fazem circular os elementos culturais que o *fitness* deseja.

As ações indicadas em vermelho no *meme* **começar, comer, treinar, saudável, orgulhar**; são de performance, em atos de linguagem e ações. Percebe-se que as palavras são destacadas em ordem cronológica. Pensamos: basta o sujeito começar, começar o quê? Para se transformar; o sujeito deve comer direito, o que seria comer direito? Seguir uma reeducação alimentar que guiasse o objetivo a um corpo *fitness*; o sujeito deve treinar, o que seria o treinar? Ir à academia, cuidar-se, controlar-se. A partir dessas posições o sujeito vai começar a sentir-se “saudável” para, no final do processo, “orgulhar-se”. Mas o que acontece é que esses elementos que um leva ao outro, num processo de posições performativas.

E assim identificamos como **performance de gênero. Performance de gênero** é um conceito caro da autora Judith Butler (2016). Utilizamos esse conceito para mostrar que há marcas performativas posicionando as mulheres para a cultura do *fitness*. A autora (2016) defende que os sujeitos são efeitos de verdade das tramas de saberes, poderes, que são culturais e historicamente específicos. Assim, temos os **corpos *fitness* de mulheres** que se revelam como um dos efeitos de verdades, das tramas da cultura do *fitness*.

[...] o gênero não é uma propriedade dos indivíduos, [...] refletida em seus atos e corpo [...] algo que se faz em nossas ações cotidianas, um efeito pragmático de um amálgama de recursos semióticos (língua, entonação, tom de voz, o que/como se fala, roupas, cores, texturas, cortes de cabelos, posições corporais, etc.) usados localmente para este/a interlocutor/a aqui e agora (BORBA, 2013, p. 448).

Dessa maneira, os sujeitos são performativamente produzidos pelo que é dito. “O corpo é uma significação de superfície que contesta e desloca a própria distinção

interno/externo, a imagem de um espaço psíquico interno inscrito *sobre* o corpo como significação social que renuncia perpetuamente a si mesma como tal” (BUTLER, 2016, p. 233). Os corpos então se mostram como uma superfície de inscrição das marcas, marcas aqui pensadas da cultura do *fitness* que constituem *fitness*.

Borba (2013) argumenta que não podemos ter acesso aos corpos dos sujeitos sem os processos culturais (heteronormativos) que os significam. É nesse ponto que a apresentação dos corpos *fitness* de mulheres nas redes sociais digitais merece um olhar mais cuidadoso. As diferenças entre as apresentações de corpos de mulheres e de corpos de homens nos *memes* em rede são resultantes de uma cultura heteronormativa que instaura o que é “ser mulher” e o que é “ser homem”. Os corpos *fitness* de mulheres vistos até então são marcados por roupas curtas e justas que realçam os seios, o abdômen, as coxas e o bumbum, cabelos alinhados, pele bronzeada, etc., que demarcam um certo padrão de “ser mulher ativa”. Para Bessa (1998, p. 2) Judith Butler vê:

[...] os riscos da utilização da categoria mulher como um termo político e de representação. Se, por um lado, esse tipo de utilização pretende conferir legitimidade e extensão à luta contra a opressão feminina, por outro, apresenta-se com uma função normatizadora, que se coloca no lugar de revelar ou de deturpar o que se assume (ou fora assumido) como sendo a verdade sobre 'as mulheres'. Neste sentido, a mulher enquanto um sujeito com características pré-demarcadas (mesmo que historicamente) representa uma armadilha ao próprio pensamento (e movimento) feminista. Todo o ardil deste investimento na identidade genérica mulher está em que, ao buscar-se a libertação dos mecanismos de exclusão, lutando por igualdade e visibilidade política, acaba-se reforçando os paradigmas e fundamentalismos da própria opressão (BESSA, 1998, p. 2).

O que Bessa (1998) afirma é que, ao utilizar a expressão **mulher**, ela já vem carregada de significações que pressupõe à própria revolução do movimento feminista e que muitas dessas significações que o movimento pretende quebrar, mas não consegue por utilizar o termo, continuam a ser tomadas como “verdadeiras”, inscrevendo-se nos corpos de mulheres. Veja o meme abaixo com o enunciado **Tô cansada, Tô morta, Tô com sono, Tô sem tempo, Tô com preguiça, TÔ INDO!** sinalizando para essa questão que Butler (2016) e Bessa (1998) questionam:



Figura 3 - *Meme fitness* retirado da rede social digital *Facebook*

O *meme* em questão marca essa condição de que “o ser mulher” já está com inscrições de significações em seus corpos. O enunciado ~~Tô cansada~~, ~~Tô morta~~, ~~Tô com sono~~, ~~Tô sem tempo~~, ~~Tô com preguiça~~, **TÔ INDO!** apresenta uma mulher que riscou suas desculpas para ir ao treino, de maneira a entender que as desculpas já estariam instaladas em sua rotina, passando apenas a riscá-las. Esses tipos de enunciados discursivos têm seus ditos voltados para a constituição de uma posição de mulher ativa. Os argumentos de Butler (2016) e Bessa (1998) remetem a pensar que não existem *memes*, enunciados ou discursos desse tipo voltados para o público masculino. Esse enunciado reforça que, como na **condição de posição ativa**, são as mulheres, que de modo particular a disciplinar-se, largar desculpas, para provar sua “feminilidade”, o seu *status* de ser talvez uma **princesa ativa**.

[...] segundo a compreensão da identificação como fantasia ou incorporação posta em ato, é claro que essa coerência é desejada, anelada, idealizada, e que essa idealização é um efeito da significação corporal. Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na *superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2016, p. 235).

Assim como o enunciado se refere às mulheres e aos modos de ser mulher, os **treinamentos** e a cultura do *fitness* são direcionados especificadamente para mulheres, para poder constituir “**um corpo fitness de mulher**”. Nessa lógica, a cultura do *fitness* cria modos diferentes de treinamentos para homens e mulheres (algumas das modalidades “são feitas” só para mulheres) de uma maneira que vai posicionando as mulheres a realizarem treinamentos e exercícios específicos para elas. Assim como as roupas, os **treinamentos** são direcionados para partes do corpo da mulher que têm uma

maior valoração na sociedade. Nesse sentido, o “[...] fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade” (BUTLER, 2016, p. 235). Consideramos, então, que tanto os corpos como as suas realidades (experiências, vivências) são efeitos de uma função de discursos sociais e públicos que regulam, de certa forma, as políticas de superfície desses corpos, instituindo as posições de sujeito.

As princesas ativas, a escolha de treinar para mudar o que não gosta, o abandono das desculpas para ir ao treino são elementos, ora tradicionais, ora atuais, que vão sendo ressignificados pela cultura marcando os corpos de mulheres, posicionando-as em mulheres ativas. Então, se a verdade do gênero é fabricada e o gênero verdadeiro é uma fantasia que vai sendo instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, “[...] os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso [...]” (BUTLER, 2016, p. 236) sobre as posições destes sujeitos.

Na minha leitura de Beauvoir, sugeri que os corpos marcados pelo gênero são “estilos da carne”. Esses estilos nunca são plenamente originais, pois os estilos têm uma história, e suas histórias condicionam e limitam suas possibilidades. Consideramos o gênero, por exemplo, como um estilo *corporal*, um “ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como *performativo*, onde “*performativo*” sugere uma construção dramática e contingente de sentidos (BUTLER, 2016, p. 240).

Quando Beauvoir (1970) diz que “nenhuma mulher nasce mulher, torna-se mulher”, referenciamos ao que Butler (2016) argumenta sobre o gênero também ser resultado de ações performáticas que direcionam o ser mulher e o ser homem. A **performance de gênero** é uma construção de sentidos que são atribuídos aos corpos, aqui pensados os corpos *fitness* de mulheres, são marcados duplamente. Primeiramente pela própria cultura do *fitness*, e num segundo momento por questões de gênero, que vão direcionando as formas de ser mulher, de determinado modo. Não basta ter um corpo *fitness*, deve-se ter um corpo *fitness* dentro das normas estabelecidas pela cultura⁵.

⁵Assim, em que sentidos o gênero é um ato? Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é uma forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em formas do gênero, essa “ação” é uma ação pública. Essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade, a *performance* é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito (BUTLER, 2016, p. 242).

~~Tô cansada, Tô morta, Tô com sono, Tô sem tempo, Tô com preguiça, TÔ INDO!~~ passa a representar uma mulher que tem várias posições de sujeito ao seu alcance, mas escolhe a posição que a destaca como uma mulher ativa. A constituição dos corpos *fitness* de mulheres se constitui numa performance. Mas Borba (2013) e Butler (2016) alertam para não se fazer confusão entre os termos performance e performatividade. A performatividade não é a performance, mas é o que possibilita, potencializa e limita a performance (a performatividade são as significações que condicionam ou não determinadas performances). Entender a apresentação e constituição dos corpos *fitness* de mulheres como performativos não é meramente afirmar que eles são uma performance, mas que eles são sim produzidos durante a performance.

Os corpos *fitness* são efeitos dos discursos da cultura do *fitness*. Os corpos treinados, preparados, ajustados, moldados condicionam uma **posição de sujeito ativo**, de maneira mais incisa de **uma posição de mulheres ativas**. Essa posição se constitui durante uma performance de gênero, que se caracteriza por ser uma *repetição estilizada de atos* (BUTLER, 2016) que, conseqüentemente, possibilita uma estilização dos corpos, por meio de gestos, movimentos e estilos corporais que constituem a ilusão de ser ter um “eu” permanentemente marcado pelo gênero⁶, no caso aqui as corpos marcados de **mulheres**.

LONGE DE CONCLUIR

Retomamos o questionamento inicial: De que maneira os *memes* relacionados à cultura do *fitness* apresentam os corpos de mulheres? percebemos que as posições de gênero permeiam a cultura do *fitness*. As posições de sujeito vão sendo incessantemente negociadas pela cultura do *fitness* que tenciona as estratégias de saberes e de poderes, que se inscrevem nos corpos *fitness de mulheres*. O ponto analítico aqui destacado que sustenta a **condição de ser *fitness* e a condição de princesa** sugere que se transita entre as posições, sendo ativos num certo momento (princesa), e sedentários noutro momento

⁶O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2016, p. 244).

(não princesa). As mulheres vinculam-se à cultura do *fitness*. O treinamento, a disciplina e o controle asseguram o sujeito no ato performativo, no **ato de treinar**.

Dessa maneira, os corpos *fitness* e a constituição de posições de sujeitos ativos relacionado a uma performance de gênero emerge no momento em que, além de analisar os enunciados dos *memes*, tornou-se necessário mostrar e sinalizar que essas posições de sujeitos ativos, de mulheres ativas, os discursos e os enunciados são amplamente apresentadas em rede, como ideais, como verdades, que passam a conduzir as mulheres.

É neste movimento de compreender a apresentação de corpos fitness de mulheres enquanto uma performance de gênero, que nos colocamos a tensionar os padrões estabelecidos na modernidade líquida, que se deslocam entre a tradição e a inovação, **de ser princesa, mas uma princesa ativa**.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **A sociedade individualizada**. Vidas contadas e Histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Volume 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, 2ª edição.

BESSA, K. A. M. Posições de sujeito, atuações de gênero... *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p.34-45, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/12033/11310>

BORBA, Rodrigo. **A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais**. *Cad. Pagu* [online]. 2014, n.43, pp.441-474. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000200441&script=sci_abstract&tlng=pt

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CORRÊA, Elizabeth S.; SOUSA, André A.; RAMOS, Daniela O. **O estudo das redes sociais na comunicação digital: é preciso usar metáforas**. Universidade de São Paulo (USP). *Estudos em Comunicação*, n. 6, p. 201-225, 2009.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. 1996. 297 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faced, Porto Alegre, 1996. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10281>.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GYM, Studio Personal. **Hoje é seu dia: para começar de novo, para comer direito, para treinar duro, para ser saudável, para se orgulhar.** Postagem da Rede Social Digital *Instagram*. Julho, 2016. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BIXPEP_gI-x/. Acesso em: Agosto, 2016.

LACHI, P. S. **Um corpo de sentidos:** discurso, subjetividade e mídia. 2010. 199 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos – Estudos do Texto e do Discurso, Maringá, 2010. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/pslachi.pdf>>.

LINDNER, Aline Ariane.. **Tô cansada, tô morta, tô com sono, tô sem tempo, tô com preguiça, tô com medo, tô indo!** Postagem da Rede Social Digital *Instagram*, compartilhada e retirada em Rede Social Digital *Facebook*. Julho, 2016. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BHcJg7rjjZc_PIVLhcpFS44cR5PJnwHNsM4K480/. Acesso em: Agosto, 2016b.

LUZ, Ceres ; MILANEZ, Nilton . **Corpo, Memória e Norma: A posição de sujeito ocupado pela Xuxa em Lua de Cristal.** In: X Colóquio Nacional e III Colóquio Internacional do Museu Pedagógico, 2013, Vitória da Conquista. Produção do Conhecimento no limiar do século XXI: tendências e conflitos. Vitória da Conquista: Museu Pedagógico, 2013.

MIRANDA, Wandefilson Silva de. **Deleuze-Foucault:** sociedade de controle e biopolítica. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2013.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. **De Cinderela a Moura Torta:** Sobre a relação mulher, beleza e feiúra. *Interações, Estudos e Pesquisas Psicológicas*, 8(15), 9-36, 2003.

ORTEGA, F. **Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidade** – Practices of corporal ascetics and the building of bio-identities. *Cadernos Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 11 (1): 59-77, 2003. Disponível em: http://www.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2003_1/artigos/2003_1%20Ortega.pdf. Acessado em: fevereiro, 2016.

PHILIPSEN, T. N.; REIS, M. C. **Representações de professores:** o cuidado de si no cotidiano escolar. UFPEL – 2012.

SANT'ANNA, D. **É possível realizar uma história do corpo.** In: SOARES, C. **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2001.

SCHWENGBER, M. S. V. **Donas de si?** A educação dos corpos grávidos no contexto da *Pais & Filhos*. 2006. 192f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8937?locale=pt_BR>.

SOUZA, P. **RESISTIR, A QUE SERÁ QUE SE RESISTE? O SUJEITO FEITO FORA DE SI.** *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 37-54, 2003.

THAISRM2. **Esqueça o sapatinho de cristal princesas usam tênis.** Postagem da Rede Social Digital *Instagram*. Fevereiro, 2016. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BB_Ms02goOu/. Acesso em: Maio, 2016.

TOLEDO, G.L. **Controvérsias Meméticas:** a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

XAVIER, C. **Era uma vez uma princesa e um príncipe...:** representações de gênero nas narrativas de crianças. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(2): 591-603, maio-agosto/2011.